

**Poemas criados durante os
períodos literários da Literatura
Brasileira**

Quinhentismo (1500-1601)

Jesus na manjedoura - Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu pecado.
- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E
de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. Pois
que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que
vos fez tão pequenino? - O amor me deu este véu, Em
que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó
menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem
vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te
dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

Barroco (1601-1728)

A Lâmpada do Sol tinha encuberto, Ao Mundo, sua luz serena e pura, E a irmã dos três nomes descoberto A sua tersa e circular figura. Lá do portal de Dite, sempre aberto, Tinha chegado, com a noite escura, Morfeu, que com subtis e lentos passos Atar vem dos mortais os membros lassos.

Arcadismo (1768-1836)

Se é doce no recente, ameno Estio Ver tocar-se a
manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e os
verdores, Mole e queixoso deslizar-se o rio; Se é doce
no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis amadores,
Seus versos modulando e seus ardores Dentre os
aromas de pomar sombrio; Se é doce mares, céus ver
anilados Pela quadra gentil, de Amor querida, Que
esperta os corações, floreia os prados, Mais doce é
ver-te de meus ais vencida, Dar-me em teus brandos
olhos desmaiados. Morte, morte de amor, melhor que
a vida.

Romantismo (1836-1881)

Soneto do amor total Amo-te tanto, meu amor... não
cante O humano coração com mais verdade... Amo-te
como amigo e como amante Numa sempre diversa
realidade Amo-te afim, de um calmo amor prestante,
E te amo além, presente na saudade. Amo-te, enfim,
com grande liberdade Dentro da eternidade e a cada
instante. Amo-te como um bicho, simplesmente, De
um amor sem mistério e sem virtude Com um desejo
maciço e permanente. E de te amar assim muito e
amiúde, É que um dia em teu corpo de repente Hei de
morrer de amar mais do que pude.

Realismo e Naturalismo (1881-1922)

Realismo: A amizade consegue ser tão complexa...
Deixa uns desanimados, outros bem felizes... É a
alimentação dos fracos É o reino dos fortes Faz-nos
cometer erros Os fracos deixam se ir abaixo Os fortes
erguem sempre a cabeça os assim assim assumem-
os Sem pensar conquistamos O mundo geral e
construímos o nosso pequeno lugar deixando brilhar
cada estrelinha Estrelinhas... Doces, sensíveis, frias,
ternurentas... Mas sempre presentes em qualquer
parte Os donos da amizade...

Naturalismo:

Amemos! Quero de amor Viver no teu coração! Sofrer e amar essa dor Que desmaia de paixão! Na tu'alma, em teus encantos E na tua palidez E nos teus ardentes prantos Suspirar de languidez! Quero em teus lábio beber Os teus amores do céu, Quero em teu seio morrer No enlevo do seio teu! Quero viver d'esperança, Quero tremer e sentir! Na tua cheirosa trança Quero sonhar e dormir! Vem, anjo, minha donzela, Minha'alma, meu coração! Que noite, que noite bela! Como é doce a viração! E entre os suspiros do vento Da noite ao mole frescor, Quero viver um momento, Morrer contigo de amor!

Parnasianismo (1882-1922)

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o, Casualmente, uma vez, de um perfumado Contador sobre o mármore lúcido, Entre um leque e o começo de um bordado. Fino artista chinês, enamorado, Nele pusera o coração doentio Em rubras flores de um sutil lavrado, Na tinta ardente, de um calor sombrio. Mas, talvez por contraste à desventura, Quem o sabe?... de um velho mandarim Também lá estava a singular figura. Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a, Sentia um não sei quê com aquele chim De olhos cortados à feição de amêndoa.

Simbolismo (1893-1922)

Quando Ismália enlouqueceu, Pôs-se na torre a
sonhar... Viu uma lua no céu, Viu outra lua no mar. No
sonho em que se perdeu, Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu, Queria descer ao mar... E, no
desvario seu, Na torre pôs-se a cantar... Estava longe
do céu... Estava longe do mar... E como um anjo
pendeu As asas para voar. . . Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar... As asas que Deus lhe deu
Rufaram de par em par... Sua alma, subiu ao céu, Seu
corpo desceu ao mar...

Pré-modernismo (1902-1922)

Minha terra tem palmares Onde gorjeia o mar Os
passarinhos daqui Não cantam como os de lá Minha
terra tem mais rosas E quase que mais amores Minha
terra tem mais ouro Minha terra tem mais terra Ouro
terra amor e rosas Eu quero tudo de lá Não permita
Deus que eu morra Sem que volte para lá Não
permita Deus que eu morra Sem que volte pra São
Paulo Sem que veja a Rua 15 E o progresso de São
Paulo.

Modernismo (e suas outras correntes que alcançam a literatura contemporânea)

Moça linda bem tratada, Três séculos de família,
Burra como uma porta: Um amor. Grã-fino do
despudor, Esporte, ignorância e sexo, Burro como
uma porta: Um coió. Mulher gordaça, filó, De ouro por
todos os poros Burra como uma porta: Paciência...
Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto
Que a porta de pobre arromba: Uma bomba.